

**Coleção Criminologia, Direito Penal e Política Criminal**

# **Criminologia & Cinema: memória e verdade**

Bruno Amaral Machado, Cristina Zackseski, Evandro Piza Duarte  
**COORDENADORES**

O livro que apresentamos ao público leitor orienta-se por dois eixos surpreendentemente atuais: Memória e Verdade. Há pouco tempo diríamos que temas como a crítica ao revisionismo histórico ou a ausência de reparação às violências cometidas durante as ditaduras seriam coisa do passado e que em 2020 outros temas ocupariam nossa agenda, como a proteção de direitos difusos, o controle tecnológico da violência e a criminalidade transnacional. Porém, esses temas retornam e se mesclam a perspectivas ficcionais sobre o futuro. Certamente são questões diferentes das que imaginávamos, e que só poderiam ser de alguma forma antecipadas pelas artes, especialmente pela literatura e pelo cinema. A participação de autoras e autores de diversos grupos de pesquisa na área da Criminologia torna o resultado articulado e ao mesmo tempo sensível, pois os textos aqui reunidos compõem uma estrutura de quatro eixos: no primeiro aprofundam temas relacionados à memória social e coletiva; no segundo apresentam e são atravessados por distopias e pelos meandros da tecnologia no âmbito do controle social; no terceiro, os artigos articulam-se em torno das perspectivas sobre colonialidade, raça e gênero, e no quarto e último recuperam a questão judaica e os horrores do holocausto. Esse percurso de pesquisa compartilhado em novo volume da série Cinema e Criminologia, que agora integra a coleção «Criminologia, Direito Penal e Política Criminal», pela editora J.M. Bosch Editor.



**Coleção Criminologia, Direito Penal e Política Criminal**

| Bruno Amaral Machado | Uniceub | **COORDENADOR** |

# **Criminologia & Cinema: memória e verdade**

Bruno Amaral Machado, Cristina Zackseski, Evandro Piza Duarte  
**COORDENADORES**

## **AUTORES**

Alex da Rosa

Ana Laura Silva Vilela

Ana Maria Martínez

André Piazzera Zacchi

Andrea Vergara da Silva

Antonio Henrique Graciano Suxberger

Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy

Bruna Stéfanni Soares de Araújo

Bruno Amaral Machado

Clécio Lemos

Cristina Zackseski

David S. Fonseca

Elizabeth Tavares Viana

Evandro Piza Duarte

Gabriele Bezerra Sales Sarlet

Isabella Miranda

Janaína Penalva

Júlia Silva Vidal

Julio Zino Torrazza

Laís da Silva Avelar

Larissa Garrido Benetti Segura

Luanna Tomaz de Souza

Lucas Villa

Marcelo Berdet

Marcelo Mayora Alves

Maria Eduarda Gomes Penaforte

Mariana Dutra de Oliveira Garcia

Míriam Coutinho de Faria Alves

Rodrigo de Medeiros Silva

Soraia da Rosa Mendes

Barcelona 2020



© DICIEMBRE 2020 BRUNO AMARAL MACHADO  
CRISTINA ZACKSESKI  
EVANDRO PIZA DUARTE  
COORDINADORES

© DICIEMBRE 2020

 **BOSCH**  
EDITOR

**Librería Bosch, S.L.**

<http://www.jmboscheditor.com>

<http://www.libreriabosch.com>


E-mail: [editorial@jmboscheditor.com](mailto:editorial@jmboscheditor.com)

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra ([www.conlicencia.com](http://www.conlicencia.com); 91 702 19 70 / 93 272 04 45).

ISBN papel: 978-84-122827-2-6

ISBN digital: 978-84-122827-3-3

D.L.: B 21795-2020:

**Diseño portada y maquetación:** CRISTINA PAYÁ  +34 672 661 611

*Printed in Spain* – Impreso en España

## **Coleção Criminologia, Direito Penal e Política Criminal**

| Bruno Amaral Machado | Uniceub | **COORDENADOR** |

A coleção abre espaço para abordagens críticas sobre a intervenção penal em políticas públicas, pesquisas empíricas no campo das ciências penais, bem como reflexões teóricas interdisciplinares e interseccionais (gênero, raça e classe social).

### **Comissão editorial**

**Adolfo Ceretti**

La Bicocca (Università degli Studi di Milano)

**Ana Lucia Sabadell**

UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Antonio Henrique Graciano Suxberger**

UniCEUB (Centro Universitário de Brasília)

**Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende**

UnB (Universidade de Brasília)

**Camila Cardoso de Mello Prando**

UnB (Universidade de Brasília)

**Camilla Gomes de Magalhães**

UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**Carmen Hein de Campos**

UniRitter (Centro Universitário Ritter dos Reis)

**Cristina Maria Zackseski**

UnB (Universidade de Brasília)

**Daniel dos Santos**

uOttawa (University of Ottawa)

**Diego Zysman**

UBA (Universidad de Buenos Aires)

**Evandro Piza Duarte**

UnB (Universidade de Brasília)

**Gabriel Ignacio Anitua**

UBA (Universidad de Buenos Aires)

**Julio Zino Torrazza**

UB (Universidad de Barcelona)

**Lia Zanotta Machado**

UnB (Universidade de Brasília)

**Luanna Tomas de Souza**

UFPA (Universidade Federal do Pará)

**Lucas Villa**

UFPI (Universidade Federal do Piauí)

**Marcela Aedo Rivera**

UV (Universidad de Valparaíso)

**Massimo Meccarelli**

UNINC (Università di Macerata)

**Máximo Sozzo**

UNL (Universidad Nacional Del Litoral)

**Soraia Mendes da Rosa**

UniCEUB (Centro Universitário de Brasília)

**Thula de Oliveira Pires**

PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

## **Coleção Criminologia, Direito Penal e Política Criminal**

| Bruno Amaral Machado | Uniceub | **COORDENADOR** |

### ■ **CRIMINOLOGIA & CINEMA: MEMÓRIA E VERDADE** | 2020

*Bruno Amaral Machado, Cristina Zackseski, Evandro Piza Duarte*  
COORDENADORES

# Sumário

## **APRESENTAÇÃO**

MEMÓRIA E VERDADE: INTERLOCUÇÕES ENTRE O CINEMA E A CRIMINOLOGIA .....	19
BRUNO AMARAL MACHADO, CRISTINA ZACKSESKI, EVANDRO PIZA DUARTE	

## **PRIMEIRA PARTE MEMÓRIA SOCIAL E COLETIVA**

### **CAPÍTULO 1**

A VERDADE NAS CIÊNCIAS E NAS ARTES: UM PASSEIO PELA POESIA DE MANOEL DE BARROS NO DOCUMENTÁRIO «SÓ 10% É MENTIRA» .....	33
CRISTINA ZACKSESKI E JULIO ZINO TORRAZZA	
1. Introdução.....	34
2. Verdade e Memória .....	36
3. Poesia e Ciência .....	40
4. Profissões e conflitividade .....	42
5. Conformidade e desvio .....	49
6. Linguagem e poder de definição.....	52
7. Discursos marginais .....	55
8. Considerações finais.....	57
Referências .....	59

### **CAPÍTULO 2**

VINGADORES ULTIMATO: MEMÓRIA COLETIVA, RESPONSABILIZAÇÃO E SENSIBILIDADE.....	61
ANTONIO HENRIQUE GRACIANO SUXBERGER	
1. Apresentação .....	62

2.	Marvel no cinema e a cultura de convergência.....	66
3.	As bases da memória histórica: recordar para não repetir..	70
4.	Considerações finais: «Eu sou inevitável»? .....	73
	Referências .....	75

### **CAPÍTULO 3**

<i>I HOPE MY DEATH MAKES MORE <b>sense</b> CENTS THAN MY LIFE:</i> CORINGA E A DESCONSTRUÇÃO DAS CRIMINOLOGIAS .....	79
BRUNO AMARAL MACHADO E LUCAS VILLA	

1.	Introdução.....	80
2.	O enredo .....	83
2.1.	A personagem: quem é Arthur Fleck? .....	83
2.2.	Coringa entra em cena .....	85
2.3.	Gotham recebe o que merece.....	88
3.	Memória social e semânticas criminológicas. Criminologias de médicos, advogados e sociólogos.....	91
3.1.	Criminologias de médicos e advogados.....	92
3.2.	Criminologias dos sociólogos .....	95
4.	A desconstrução do binário herói/vilão e dos binários da ciência.....	100
5.	Conclusões.....	103
	Referências .....	105

### **CAPÍTULO 4**

UM CRIMINÓLOGO PARA LAMPIÃO: CANGAÇO, CINEMA E CRIMINOLOGIA .....	109
MARCELO MAYORA ALVES E MARIA DUTRA DE OLIVEIRA GARCIA	

1.	Introdução.....	109
2.	Memória do cangaço .....	111
3.	Benjamin Abrahão: um criminólogo para Lampião.....	120
4.	O ofício do criminólogo .....	126
5.	Considerações finais.....	133
	Referências .....	136



**CAPÍTULO 5**

PÂNICOS MORAIS E CRUZADAS SIMBÓLICAS: <i>REEFER MADNESS</i> E OS FILMES DE PROPAGANDA .....	139
DAVID S. FONSECA	
1. Pânicos morais e cruzadas simbólicas: instâncias de alarmismo com as drogas .....	140
2. Criminalização dos opioides: a criação de um modelo repressivo .....	147
3. A proibição do álcool: último alento da moral protestante.	151
4. Maconha: a forja de um novo inimigo.....	154
5. <i>Reefer Madness</i> e a representação dos perigos da maconha .	159
6. A (in)eficiência da propaganda .....	164
Referências .....	166

**CAPÍTULO 6**

DIANTE DO CRIME (RELAÇÕES ENTRE CINEMA E CRIMINOLOGIA A PARTIR DE «ELLE» [2016], DE PAUL VERHOVEN).....	169
ANDRÉ PIAZERA ZACCHI	
1. Introdução.....	169
2. Diante do crime, diante do filme .....	171
3. <i>Elle/Michelle</i> .....	175
4. Considerações finais.....	184
Referências .....	186

**SEGUNDA PARTE**  
**DISTOPIAS E TECNOLOGIAS**
**CAPÍTULO 1**

<i>MAGNETIC ROSE</i> : O LIXO DA MEMÓRIA E A CONTAMINAÇÃO DA ESPERANÇA NOS CORPOS DE VIVOS-MORTOS.....	191
EVANDRO PIZA DUARTE E JÚLIA SILVA VIDAL	
1. Prólogo.....	192

2.	Um Roteiro de alegorias históricas e subjetividades sobrepostas: é possível compreender e sobreviver ao lixo das memórias? .....	199
3.	O caminho da escrita: no «novo normal», por quê a metáfora e a ficção?.....	203
4.	Memórias dentro de memórias: Idas e vindas em três paradoxos sobre passado, presente e futuro .....	209
5.	A Inocente e a Bruxa: reescrevendo a verdade do encontro entre ocidente e oriente a partir das memórias do feminino-colonial?.....	211
6.	Corpo, Casa e Flores: a Memória em redes de dejetos .....	218
7.	Um assunto difícil: corpo e morte .....	223
8.	Vidas arquivadas, memórias digitais, nossos dedos de pedra e um mar de lixo .....	226
9.	Epílogo.....	228
	Referências .....	229

## **CAPÍTULO 2**

<i>TRUYOU</i> : TECNOLOGIA, VERDADE E MEMÓRIA NO FILME «O CÍRCULO».....	233
CRISTINA ZACKSESKI E ANDREA VERGARA DA SILVA	

1.	Introdução.....	233
2.	<i>TruYou</i> .....	235
3.	<i>SeaChange</i> .....	242
4.	<i>Demoxie</i> .....	248
5.	<i>SoulSearch</i> .....	250
6.	Os projetos que o filme não mostrou .....	256
7.	Considerações Finais.....	261
	Referências .....	263

## **CAPÍTULO 3**

BLACK MIRROR E A VERIDICÇÃO DO PODER. <i>BLACK MIRROR AND THE VERIDICATION OF POWER</i> .....	265
CLÉCIO LEMOS E ALEX DA ROSA	

1.	Introdução.....	265
2.	Engenharia reversa .....	267
3.	Agenciamentos maquínicos .....	270
4.	Do saber-poder ao governo pela verdade .....	273
5.	Conclusão.....	279
	Referências.....	281

### **TERCEIRA PARTE**

## **COLONIALIDADE, RAÇA E GÊNERO**

### **CAPÍTULO 1**

RESIGNAÇÃO E CONTROLE DA NATUREZA: REFLEXÕES SOBRE O ANIMAL HUMANO, A PARTIR DO FILME MELANCHOLIA .....	285
LARISSA GARRIDO BENETTI SEGURA E JANÁINA PENALVA	

1.	O filme .....	286
2.	Primeira parte.....	287
2.1.	John: a performance do humanismo, da racionalidade, da técnica.....	287
2.2.	O animal domesticado.....	290
3.	Segunda Parte.....	295
3.1.	O feminino e a natureza .....	295
3.2.	Acesso Epistêmico Feminino .....	299
4.	Considerações finais.....	305
	Referências.....	306

### **CAPÍTULO 2**

<i>BACURAU</i> : MEMÓRIA E RESISTÊNCIA COLETIVA ÀS PERMANÊNCIAS DA VIOLÊNCIA COLONIAL .....	309	
ISABELLA MIRANDA		
1.	Bacurau: «se for, vá na paz» .....	309
2.	Quem pode morrer? Colonialidade, racismo e necropolítica .....	314

3.	Relações entre criminologia, massacre, colonialidade e racialização em Bacurau.....	320
4.	Os condenados da terra (ou personagens escória) e a resistência coletiva (ou estética do necroempoderamento) .....	325
5.	Memória coletiva, luto e sobrevivência.....	332
6.	Conclusão.....	338
	Referências.....	341

### **CAPÍTULO 3**

MY NAME IS NOW: ELZA SOARES E A TEORIZAÇÃO NA CARNE SOBRE O ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS .....	345
LUANNA TOMAZ DE SOUZA E ELIZABETH TAVARES VIANA	

1.	Introdução.....	345
2.	«Comi o pão que o diabo amassou»: relatos de vida e resistência no canto de Elza Soares.....	348
3.	«É meu lugar de fala»: as narrativas que atravessam o documentário.....	355
4.	Elza Soares e a teorização na carne sobre violência .....	363
5.	Conclusão.....	368
	Referências.....	370

### **CAPÍTULO 4**

CRIMINOLOGIA, MEMÓRIA E CONTRANARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: DIÁLOGOS A PARTIR DE UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA .....	375
ANA LAURA SILVA VILELA, BRUNA STÉFANNI SOARES DE ARAÚJO E LAÍS DA SILVA AVELAR	

1.	Munhã, Anhangá e um pássaro por liberdade: quando a fantasia ensina sobre história, racismo, narrativas e privilégios.....	376
2.	Tempo, História e A Hipótese Colonial da Criminologia.	378
3.	Epistemicídio, narrativa criminológica e branquitude ...	385
3.1.	Uma História de Amor e Fúria e o convite à racialização/corporificação do Eu-lírico na Criminologia	386

4.	Construção Narrativa das Resistências e Criminalização como problema Criminológico.....	392
5.	Considerações Finais: a Criminologia provocada por Uma História de Amor e Fúria.....	398
	Referências .....	400

## **CAPÍTULO 5**

	OS INDÍGENAS DO RIO GRANDE DO SUL E A MEMÓRIA DE UMA CPI.....	403
--	---	-----

GABRIELE BEZERRA SALES SARLET E RODRIGO DE MEDEIROS SILVA

1.	Introdução.....	404
2.	Os indígenas, uma mirada na memória e a atual constelação de direitos no Brasil .....	407
3.	Índios, memória de uma CPI .....	410
4.	Os indígenas do Rio Grande do Sul, a ditadura civil-militar e os efeitos contínuos da violência perpetrada .....	420
4.1.	Um breve inventário sobre as violações de direitos humanos e fundamentais cometidas contra os indígenas no período da ditadura militar .....	421
4.2.	O momento atual em face de uma nova constelação jurídica.....	425
5.	Notas conclusivas.....	427
	Referências .....	430

## **QUARTA PARTE**

### **A QUESTÃO JUDAICA E O HOLOCAUSTO**

## **CAPÍTULO 1**

	J'ACCUSE: O CASO DREYFUS, A MEMÓRIA E A VERDADE .....	437
--	---	-----

MARCELO BERDET

1.	Introdução.....	438
2.	O Caso Dreyfus .....	442
3.	O Caso Dreyfus e o lawfare.....	447

4. O Caso Dreyfus: a verdade e a memória.....	450
Referências .....	456

## **CAPÍTULO 2**

OS CRIMES DE LESA HUMANIDADE E O ENCONTRO DE UMA CRIMINOLOGIA FEMINISTA DOS DIREITOS HUMANOS EM O LEITOR .....	459
SORAIA DA ROSA MENDES, MARIA EDUARDA GOMES PENAFORTE E ANA MARIA MARTÍNEZ	
1. Introdução.....	459
2. Para compreender a Alemanha nazista a partir da aderência social.....	464
3. O olhar criminológico feminista sobre as mulheres agentes de crimes de lesa humanidade .....	472
4. Considerações finais.....	477
Referências .....	480

## **CAPÍTULO 3**

A LISTA DE SCHLINDER, DE STEVEN SPIELBERG .....	483
ARNALDO SAMPAIO DE MORAES GODOY	
1. Introdução e contornos do problema. O cinema e o tema do nazismo.....	484
2. O totalitarismo e a manipulação da razão. A perda de sentido na experiência vivida.....	488
3. A lista de Schlinder. Personagens centrais.....	490
4. A ordem jurídica nacional-socialista.....	492
5. O tema da culpa e a teoria do dedo em riste.....	497
6. Considerações finais.....	502
Referências .....	503

## **CAPÍTULO 4**

UM BRINDE À VIDA: MEMÓRIA E SOBREVIVÊNCIA SOB A ESTÉTICA DO REENCONTRO.....	505
MÍRIAM COUTINHO DE FARIA ALVES	

1. Considerações Iniciais: «Como é o nome da pessoa que Você está procurando?» .....	505
2. Sobrevivência e memória: «As antigas artesãs lamentam não ter mais o que ensinar» .....	512
3. Considerações finais: por uma estética do reencontro....	518
Referências .....	518

# Memória e verdade: Interlocuções entre a criminologia e o cinema

Bruno Amaral Machado  
Cristina Zackseski  
Evandro Piza Duarte

Este volume da Série Criminologia e Cinema do Grupo de Pesquisa Política Criminal (UnB/UniCEUB) (MACHADO, ZACKSESKI, DUARTE, 2016, 2018), agora editada pela Bosch na coleção Criminologia, Direito Penal e Política Criminal, tem como eixo central a Memória e a Verdade.

Há pouco tempo diríamos que temas como a crítica ao revisionismo histórico ou a ausência de reparação às violências cometidas durante as ditaduras seriam coisa do passado e que em 2020 outros temas ocupariam nossa agenda, como a proteção de direitos difusos, o controle tecnológico da violência e a criminalidade transnacional. Porém, esses temas retornam e se mesclam a perspectivas ficcionais sobre o futuro.

Certamente são questões diferentes das que imaginávamos, e que só poderiam ser de alguma forma antecipadas pelas artes, especialmente pela literatura e pelo cinema. Como os livros anteriores da Série evidenciaram, a arte parece ser capaz de propor novas perspectivas de compreensão do presente, tanto em direção ao passado, quanto ao futuro.

Os protocolos do método científico, tais como a neutralidade, a objetividade, a não-contradição, o caráter descritivo, sugerem limites para o processo de conhecimento, porque marcado por perspectivas afetivas, estéticas, situadas pela experiência pessoal e coletiva, e também para a difusão do discurso científico. A metáfora, figura



de linguagem formada por associações, mostra-se relevante para o processo cognitivo. Os estudos no campo da neurologia, ao descreverem os mecanismos pelos quais o cérebro humano pode conhecer, resgatam as associações e a criatividade diante da indeterminação, recolocando a memória frente a dimensões que não podem ser conhecidas (MEYER, 2002).

O debate sobre a ficção científica, embora o gênero pareça apontar para novos futuros, tende a aproximá-lo de seu oposto, o passado, pois a ficção científica parece reafirmar padrões de narrativas já existentes. Propicia-nos metáforas sobre o passado como forma de compreender e lidar com a incerteza do futuro. Ao revés, a ficção emerge como processo semelhante à estilização na arte, vale dizer a radicalização de uma tendência atual (BOSI, 1986). Aqui, a imaginação repete, mas avança com novos cenários para a performance.

Num momento de profundas transformações, apresentamos ao leitor e à leitora este volume que reúne colaboradores (as) de distintos grupos de pesquisa do Brasil, com o propósito de pensar o eixo central proposto a partir de filmes e séries de TV. Trata-se de um esforço individual e coletivo nas tramas das incertezas do presente, articulados a partir de eixos temáticos que sugerimos pela perspectiva adotada nas análises.

## I. Memória Social e Coletiva

A VERDADE NAS CIÊNCIAS E NAS ARTES é discutida no texto de Cristina Zackseski e Julio Zino Torrazza. Eles passeiam pela poesia de Manoel de Barros a partir do documentário «Só 10% é mentira». Neste texto é introduzida a poesia como elemento artístico, e a abordagem teórica inclui estudos sobre transmissão cultural e a sociologia das profissões. Discute-se, a pretexto da «desbiografia oficial» de um dos maiores poetas brasileiros, outras visões que podemos ter

do universo das coisas pequenas, das crianças, dos vagabundos e dos loucos, e sobre a maneira com que todos eles são capazes de atizar a criatividade do poeta, e de como essa poesia é capaz de modificar o nosso olhar, movendo nossos corpos e mentes em outra direção, superando enfim o olhar acostumado (ele dizia que não gostava da palavra acostumada). Na Criminologia o poder de definição tem grande importância para o controle social, e este poder sisudo no mais das vezes não é permeável à ideia de liberdade e de proteção daqueles seres que não produzem riqueza no sentido material. Eles concordam com Manoel, de que «a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que ela produz em nós», e talvez até por isso exista o fascínio pelas *fake news*. A verdade nas ciências é triste perto da mentira e da invenção das artes, e é pequena a nossa margem de permissão para que nos dediquemos profissionalmente à imaginação poética, literária e fílmica. Mas e a paz? Será conquistada pela ciência ou pelas artes?

No artigo VINGADORES ULTIMATO: MEMÓRIA COLETIVA, RESPONSABILIZAÇÃO E SENSIBILIDADE, Antonio Henrique Graciano Suxberger traz reflexão sobre o filme Vingadores: Ultimato (2019). Propõe o autor que a construção de uma memória coletiva, a responsabilização pelos fatos do passado e a sensibilização permanente para a prevenção de atos abusivos no futuro são ferramentas indissociáveis e necessárias nos processos de transição e superação de rupturas democráticas. O filme instiga importante reflexão sobre a memória de eventos traumáticos e os efeitos da ausência de transição como instrumento de superação de momentos de ruptura ou de exceção. A partir das experiências projetadas em produtos culturais massificados, em especial aqueles de marcada convergência, em que suas projeções perpassam distintas mídias, produções cinematográficas como o filme dos Vingadores têm ensejado questionamentos sobre sua aptidão para se apresentar como cinema e, paradoxalmente, transmitem as lições mais comuns de compreensão do que seja a memória histórica e as balizas da justiça de transição.

O artigo revisita as premissas da justiça transicional ao tempo em que procura responder à crítica de que produções massificadas não representam cultura, mas mercantilização do entretenimento na atualidade.

*No artigo I HOPE MY DEATH MAKES MORE **sense** CENTS THAN MY LIFE: CORINGA E A DESCONSTRUÇÃO DAS CRIMINOLOGIAS*, Bruno Amaral Machado e Lucas Villa analisam o filme *Coringa*, de Todd Phillips. A partir da categoria memória social e, pela lente da desconstrução, os autores discutem o binário herói/vilão que estrutura a narrativa fílmica hollywoodiana a fim de repensar o binário verdadeiro/falso e questionar as imagens estabilizadas sobre os enunciados da ciência. As narrativas em torno da cidade mítica, povoada por heróis e vilões, conformam parte da memória social desse gênero peculiar na história do cinema. O cenário descrito é reelaborado a partir das semânticas criminológicas que articulam («criminologias de médicos, advogados e sociólogos») no debate com o leitor. Pelas mãos de Jacques Derrida, propõem lente filosófica pós-metafísica da narrativa fílmica. Ao investirem na desconstrução do binário herói/vilão apontam para as brechas que levam à desconstrução do binário verdadeiro/falso, estabilizado no discurso científico, e do binário criminológico etiologia/reação social. Ao final argumentam que a proposta fílmica do *Coringa* se constitui em paradigma para se pensar as criminologias «do cinema».

O artigo *UM CRIMINÓLOGO PARA LAMPIÃO: CANGAÇO, CINEMA E CRIMINOLOGIA*, escrito por Marcelo Mayora Alves e Mariana Dutra de Oliveira Garcia, percorre os filmes «*Memória do Cangaço*» (1964) e «*Baile Perfumado*» (1996) para compreender a trajetória do Benjamin Abrahão Calil Botto como criminólogo. Benjamin Abrahão acompanhou e realizou filmagens do cotidiano de Virgulino Ferreira –Lampião– e do seu bando. Em contrapartida da criminologia positiva, Benjamin adentra a uma aventura criminológica empírica –se relacionando com os desviantes de maneira viva e «vivenciando os

desafios próprios de uma carreira de criminólogo crítico» (ALVES; GARCIA, 2020). Os autores mergulham no registros da experiência da Benjamin de forma a ressaltar as dificuldades do fazer criminologia crítica empírica. Neste contexto, refletem que: «A pesquisa empírica em criminologia, que permite a escuta dos praticantes de atividades criminalizadas quando estão em liberdade em seus ambientes sociais, humaniza, retira o véu do preconceito, do estigma» (ALVES; GARCIA, 2020).

O artigo de David S. Fonseca, PÂNICOS MORAIS E CRUZADAS SIMBÓLICAS: *REEFER MADNESS* E OS FILMES PROPAGANDA, analisa uma categoria de filme incomum nas nossas atividades de lançar ideias e propor debates criminológicos por meio do cinema – os filmes de propaganda. O resultado foi uma provocação e tanto para nos aprofundarmos no tema dos pânicos morais que circundam há quase um século o universo da tutela penal das drogas. Ele enfatiza o problema dos simbolismos que adquirem determinadas formas de representações sociais do mal e do perigo, quando a perspectiva dos grupos de influência é moralizante e que «ao invés de informar e esclarecer, deliberadamente, ofuscam e subvertem os argumentos envolvidos no debate».

No artigo DIANTE DO CRIME: RELAÇÕES ENTRE CINEMA E CRIMINOLOGIA A PARTIR DE «ELLE» (2016), DE PAUL VERHOVEN, André Zacchi, questiona o fato como uma realidade, reconhecendo-o como parte de uma linguagem que o apresenta. A linguagem como ferramenta do discurso –o qual é atravessado por poderes como ensina Foucault. O filme «*Elle*» aborda a história de uma violência sexual e da reação da vítima a esse episódio. Michelle (a protagonista) realiza uma investigação pessoal antes de buscar pelas autoridades –recusando o lugar de vítima. O filme «*Elle*» apresenta a fala e a descrição do fato pela protagonista, evidenciando a necessidade de uma criminologia política que dê espaço para os envolvidos nos processos falarem por si.

## II. Distopias e tecnologias

O artigo *MAGNETIC ROSE: O LIXO DA MEMÓRIA E A CONTAMINAÇÃO DA ESPERANÇA NOS CORPOS VIVOS-MORTOS*, produzido por Júlia Silva Vidal e Evandro Piza Duarte, nos questiona sobre a produção da memória e do corpo no ambiente digitalizado. O filme «Magnetic Rose» –dirigido por Katsuhiro Otomo– apresenta uma concepção de memória como ponto incompreensível, a partir da história encadeada em múltiplas camadas e referências. A protagonista do filme é Eva uma cantora de ópera famosa, aristocrata, que desapareceu para viver com suas memórias, tornando-se uma sereia robô no meio de um asteróide formado por lixo espacial. Os autores apresentam o uso do recurso da metáfora e da produção ficcional como possibilidade de lidar com os desafios da complexidade de pensar a relação entre passado-presente-futuro. O roteiro convida a mergulhar em um Japão feminino, reescrevendo a experiência colonial e do pós-guerra desde a crítica à tecnologia. O artigo evidencia a proximidade do mundo apresentado em «Magnetic Rose» com o cenário pandêmico, questionando o «novo normal» e as projeções para o futuro centrado na captura da memória pela reorganização tecnológica dos restos de nossas existências. Indagam, desde suas experiências pessoais, sobre os problemas da produção da memória tecnológica, tendo como horizonte a ficção de «Magnetic Rose» e própria prática da prática da escrita desde suas relações de afeto.

No texto *TRUYOU: TECNOLOGIA, VERDADE E MEMÓRIA NO FILME «O CÍRCULO»*, Cristina Zackseski e Andrea Vergara da Silva abordam os temas deste livro ao explorar os programas criados por uma empresa de tecnologia que, entre outras coisas, pretende entrar no ramo do controle da violência. Elas fazem isso utilizando, como no filme, a trajetória profissional e pessoal da protagonista do filme, Mae Holland, cuja ascensão meteórica dentro do Círculo toma conta de todas as dimensões da sua vida. As referências criminológicas nas quais

as autoras se apoiam vão desde o Panóptico de Foucault à discussões que são próprias do campo da Criminologia Crítica, mas são inevitáveis às referências ao Sinóptico de Bauman e ao «grande irmão» de Orwell, que nos assombra a cada dia com a imersão na realidade virtual que vivemos. O valor mais importante acaba recaindo sobre a privacidade, e é perigoso para os que estão «transparentes» deixar que alguém se «esconda», como Mercer (ex-namorado de Mae). A pergunta central pode parecer que seja: agimos de forma correta quando estamos sendo observados? Mas na verdade a pergunta que fazemos com esse filme é: a observação que rompa as barreiras da privacidade é capaz de controlar a violência quando ela é um negócio ou um exercício de poder sem controle democrático? E ela pode ser ainda mais direta: Vale tudo no controle do crime? E esse vale tudo é verdadeiro?

No artigo BLACK MIRROR E VERIDICÇÃO DO PODER, Clécio Lima e Alex da Rosa recorrem ao episódio «Engenharia reversa», do seriado britânico «Black Mirror» para apresentar como as novas tecnologias desenvolvem técnicas de controle sutis —construindo e legitimando verdades. As teorias de agenciamento de Gilles Deleuze dialogam/exemplificam sobre a realidade distópica no decorrer da narrativa. Desde a perspectiva Michel Foucault, compreendem como o poder cria verdades e exige comportamento conforme a normatividade. A figura do protagonista Strike é exemplo do controle individual e subjetivo realizado na governança da verdade. Assim, o ato de poder punitivo ganha contornos mais sutis quando a lógica da guerra passa por uma tecnologia visual —o poder age na sua forma de enxergar a realidade.

### III. Colonialidade, Raça e Gênero

No artigo RESIGNAÇÃO E CONTROLE DA NATUREZA: REFLEXÕES SOBRE O ANIMAL HUMANO A PARTIR DO FILME MELAN-

CHOLIA, Larissa Benetti Segura e Janaína Panalva refletem sobre a extinção do animal humano. Em «Melancholia», Lars von Trier aborda o fracasso da técnica e do humanismo perante a dinâmica da natureza. A personagem feminina, Justine, apresenta o contraponto à racionalidade moderna e o controle da natureza. Lars Trier constrói o imaginário feminino em uma relação íntima com a natureza: «Justine representa o ser fluído, indeterminado, indissociável da natureza –o que, em nossa opinião, somos na realidade». Desde Nietzsche, o artigo percorre a ideia do homem como um animal domesticado –direcionado para o próprio bem-estar. O humano assume o papel, na modernidade, de controlador da natureza revelando a sua fragilidade perante ao inexplicado. A pandemia do COVID-19 como a colisão do planeta Melancholia desespera o homem. Num cenário desconhecido e inexplicado pela ciência, «o medo do vírus também reativou a lembrança da diferença de gênero, das correlações naturalizadas entre o feminino e o cuidado» (SEGURA; PANALVA, 2020).

O artigo *BACURAU: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA COLETIVA ÀS PERMANÊNCIAS DA VIOLÊNCIA COLONIAL* de Isabella Miranda nos convida a mergulhar na narrativa do filme «Bacurau» e exemplificar as ferramentas da colonialidade do poder. O longa-metragem apresenta a diferença do norte e do sul do Brasil. Na figura do estrangeiro e os forasteiros nacionais, Isabella Miranda evidencia a hierarquia racial. Desde a categoria de biopolítica, a autora apresenta a «vulnerabilidade diferencial» como meio de «governar pessoas». Nesta dimensão, a população de Bacurau representa o corpo que pode/deve ser massacrado. A governamentalidade da verdade legitima e justifica a morte desses corpos –como sujeitos que podem ser descartáveis. Por outra parte, a Isabella Miranda apresenta a memória como mecanismo de resistência. A figura do museu como simbologia da memória, «Bacurau», e da consciência da permanência da violência colonial.

No artigo *MY NAME IS NOW: ELZA SOARES E A TEORIZAÇÃO NA CARNE SOBRE ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS*, Luanna To-

maz de Souza e Elizabeth Tavares Vianna propõem, por meio do filme «My name is now: Elza Soares» e da história da Elza Soares, refletir sobre a importância das narrativas para compreender os processos de violência sofridos pelas mulheres no Brasil, destacando a potencialidade da agência das mulheres negras para a construção de uma criminologia crítica. As autoras adentram a narrativa do filme e das produções biográficas referentes a cantora para tensionar a ruptura com as representações hegemônicas e tradicionais. A trajetória de Elza Soares é caracterizada por lutas e resistência —rompendo com os estereótipos e as imagens simplificadora de vítimas.

No artigo CRIMINOLOGIA, MEMÓRIA E CONTRANARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: DIÁLOGOS A PARTIR DE UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA, Ana Laura Vilela, Bruna Stéfanni Araújo e Laís Aveilar abordam criticamente o conceito de universalidade e os desafios para construção de uma criminologia crítica a partir da narrativa do longa-metragem. O artigo nos convida a mergulhar em episódios históricos da Conquista e das resistências coloniais, e no cenário ficcional da cidade do Rio de Janeiro em 2096, governada por um pastor evangélico, tomada por milícias e palco de conflito pelo acesso à água. A ficção exemplifica o presente-futuro colonial na formação nacional. Segundo as autoras, é preciso questionar a narrativa de ausência de resistência dos sujeitos racializados no presente a partir da narrativa ficcional.

No artigo OS INDÍGENAS DO RIO GRANDE DO SUL E A MEMÓRIA DE UMA CPI, Gabriele Bezerra Sales Sarlet e Rodrigo de Medeiros Silva buscam inspiração no documentário «Índios, Memórias de uma CPI», de Hermano Penna. Os autores recuperam o que ocorreu aos indígenas gaúchos no período da Ditadura Militar e, por meio da pesquisa bibliográfica e exploratória, analisam os efeitos da política voltada para os indígenas, sobretudo o processo marcadamente assimilatório do momento histórico analisado para compreender os efeitos e a situação atual. Ganha espaço no documentário o papel



da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), realizada pela Câmara dos Deputados em 1968 e que investigou a situação dos povos indígenas. Esta CPI realizou duas viagens, uma em que se circulou pelo Norte/Nordeste do país e uma segunda dirigida para o Rio Grande do Sul. Ao considerar os fatos e as denúncias trazidos da viagem à Região Sul, o artigo explora outras fontes, inclusive, no procedimento aberto em dezembro de 2018, na Procuradoria da República do Rio Grande do Sul, para expor e analisar as violações aos direitos fundamentais dos povos indígenas.

## IV. A questão judaica e o holocausto

O artigo de Marcelo Berdet, *J'ACCUSE: O CASO DREYFUS, A MEMÓRIA E A VERDADE* nos traz a discussão sempre importante sobre a seletividade do sistema de justiça (não só o criminal) e sobre a necessidade de defesa dos cidadãos contra a supremacia da Razão de Estado. Ele mostra como a figura do inimigo (espião), instrumentalizada com fins de dar coesão a uma organização militar, é construída pelas narrativas sobre a identidade do capitão francês —judeu, recém-incorporado ao Estado-Maior e desprovido de capital social. A noção de verdade é explorada num dos aspectos com os quais até hoje as reformas dos sistemas de justiça buscam incrementar a resposta punitiva— a investigação e a formação da prova. Porém, de nada adianta a competência técnica e o incremento das estruturas destinadas à investigação se há um poder que esconde provas, classifica documentos como restritos e envia informações aos juízes aos quais as defesas não têm acesso. Neste sentido, este é um caso a partir do qual podemos pensar sobre o *lawfare*, que permeia os debates sobre a criminalização de agentes públicos na atualidade brasileira. Berdet traz à tona, portanto, o debate sobre os julgamentos que são enviesados por questões políticas, mas podemos pensar também naquilo que está em jogo quando ocorrem julgamentos políticos

propriamente ditos, e que também devem respeitar a seguinte afirmação do autor: «A questão básica é a respeito da legitimidade da «Justiça» que deturpa o princípio do estado de direito, que estabelece que ninguém está acima da lei». Com a análise deste caso ele coloca a verdade num lugar onde ela ainda não estava para nós, como uma espécie de «precipício entre o presente e o passado».

No artigo OS CRIMES DE LESA HUMANIDADE E O ENCONTRO DE UMA CRIMINOLOGIA FEMINISTA DOS DIREITOS HUMANOS EM *O LEITOR*, Soraia da Rosa Mendes, Maria Eduarda Gomes Penaforte e Ana Maria Martínez abordam os direitos humanos como o fundamento ético da Criminologia Feminista quando aplicada como referencial de análise para crimes de lesa humanidade. Para tanto partem da obra literária e cinematográfica *O Leitor* como o motivador para a pesquisa historiográfica com a qual nos sugerem, na hora e lugar da Alemanha Nazista, indícios de compreensão das razões que levaram mulheres aparentemente comuns, tais como Hanna Schmitz, personagem principal do livro e película, à perpetração (direta ou indireta) de crimes que compuseram o holocausto.

Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy, no ensaio MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO: A LISTA DE SCHINDLER, trata da relação entre história, relato, verdade e culpa geracional no contexto do filme «A lista de Schlinder», de Steven Spielberg. Com base nos personagens centrais, Schlinder (que referencia o ‘bom nazista’), Goeth (que remete o espectador a uma culpa individual) e Stern (que explicita as tensões de perseguido que se vê colaborador que colhe resultados positivos) o autor problematiza o legado moral da segunda guerra mundial, com especial atenção para com a obra dos frankfurtianos do exílio. Faz-se um esboço da ordem normativa da era nacional-socialista, forte no argumento de que o positivismo e o nazismo não são necessariamente sinônimos e convergentes. Em suas palavras, o positivismo (no sentido do cumprimento de ordens) substancializou estratégia de defesa, por parte dos membros do partido nazista, quando

chamados à responsabilidade. O ensaio levanta alguns problemas historiográficos em torno da narrativa, que predica em história real, mediada por um romance e fotografada em obra de fortíssimo impacto emocional.

No artigo UM BRINDE À VIDA: CINEMA, MEMÓRIA E SOBREVIVÊNCIA NO PÓS-GUERRA, Míriam Coutinho de Faria Alves investiga a relação entre memória e sobrevivência no pós-guerra para articular relações entre cinema, literatura e criminologia crítica. O filme trata da história de vida de três mulheres que se reencontram na praia francesa de Berck. Nessa circunstância, analisa o papel da memória na reconstrução da vida das mulheres sobreviventes ao holocausto a tempo em que se reflete sobre alteridade e sobrevivência como via para pensar a dignidade humana.

Esta breve apresentação é um convite a vocês, leitoras e leitores. Esperamos que esta edição possa despertar novas possibilidades de interlocução entre o Cinema e as Criminologias, muito além daquelas sugeridas pelos textos que acolhemos neste volume.

## Referências

- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Editora Ática, 2ed., 1986.
- MACHADO, Bruno Amaral; ZACKSESKI, Cristina; DUARTE, Evandro Piza. *Criminologia e Cinema: narrativas sobre a violência*. São Paulo: Marcial Pons, 2016.
- MACHADO, Bruno Amaral; ZACKSESKI, Cristina; DUARTE, Evandro Piza. *Criminologia e Cinema: semânticas do castigo*. São Paulo: Marcial Pons, 2018.
- MEYER, Philippe. *O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual*. São Paulo: Unesp, 2002.